

A “Jóia Convexa”:**Sabedoria Poética e Solipsismo Filosófico segundo Vico***Antônio José Pereira Filho (Bolsista PET/CAPES - DF/USP/SP)**Orientadora: Maria das Graças do Nascimento**“Um galo sozinho não tece uma manhã”*

João Cabral de Melo Neto

Um dos traços mais marcantes do pensamento de Vico sem dúvida é a ambivalência e o contraste. Nem poderia ser de outra forma; afinal, estamos diante de um pensador que procura conciliar extremos a fim de fundar o novo; novidade que é anunciada já no título de sua obra principal: a *Ciência Nova*. Nesta obra, tantas vezes apontada como um monumento barroco, Vico acredita poder encontrar a chave que permitiria compreender legitimamente o mundo humano, o mundo histórico-civil, fornecendo assim uma correta compreensão do homem. Todo o esforço de seu pensamento consiste em articular duas dimensões que a tradição filosófica sempre considerou de difícil conciliação: a contingência da história e o estabelecimento de princípios universalmente válidos, o “fato” e o direito, o ser e o dever ser, os dados filológicos e os princípios filosóficos, a imanência e a transcendência, o real e o ideal, o *certum* e o *verum*, a paixão e a razão, o sentimento e a reflexão, o humano e o divino. Como resultado desse esforço descomunal, a *Ciência Nova* só poderia trazer consigo as marcas da ambivalência e uma certa confusão na apresentação das idéias. Daí a tentativa de separar o que está vivo e o que está morto no seu pensamento, como faz Benedetto Croce do alto de sua posição idealista¹. Todavia, no caso de Vico, talvez seja indispensável assumir a ambivalência e o contraste. A razão disso é que o próprio foco de reflexão do seu pensamento — o mundo humano — é ambivalente e oscilante em si mesmo, como o próprio Vico se encarrega de mostrar. Longe de ser incoerente, seu pensamento revela uma busca de unidade.

Basta abrir a primeira página da *Ciência Nova* para se notar o quanto Vico é consciente da obscuridade de suas idéias, e ver, ao mesmo tempo, como ele é movido pelo desejo de conferir unidade e coerência ao seu pensamento. Não é por acaso que a *Ciência Nova* apresenta, de início, uma ilustração alegórica, na qual podemos notar todos os elementos que compõem o universo investigado por Vico — o universo histórico-civil ou “o mundo das nações”. O recurso da alegoria, e da explicação que a acompanha, revela uma intenção específica: trata-se de um artifício didático que permitiria “ao leitor ter uma concepção da idéia da obra antes mesmo de a ler, e após a leitura, serviria para mais facilmente a reter na memória”.(*Ciência Nova* § 1).

Mas, para além dessa intenção pedagógica, a ilustração revela um esforço de síntese, e por isso constitui um instrumento heurístico indispensável. Evidentemente, a ilustração não deve ser vista como uma tentativa de adornar um pensamento confuso. Sua importância não está no seu valor estético, mas no fato de ela fornecer um retrato ampliado de uma obra, um raio x de um pensamento. Vejamos mais de perto o que este retrato nos revela.

A ilustração é composta por uma série de figuras, das quais algumas se destacam, cada uma delas representa um aspecto focado pela *Ciência Nova*. No alto, no canto superior esquerdo, vê-se o grande olho de Deus, a “providência divina” envolvido numa profusão de luz. Um raio desta luz partindo de Deus e rompendo as trevas, se derrama no peito da mulher de têmporas aladas. A mulher, que representa “a metafísica”, tem a cabeça voltada para o alto e os olhos fixos em Deus, numa espécie de êxtase, e pode significar tanto o desejo mais primitivo do homem, o desejo religioso de transcendência em relação à natureza por isso ela está apoiada num globo terrestre sobre um altar, como ela pode ser vista também como signo da elaborada disciplina filosófica. Uma coisa não exclui a outra. O importante é perceber que o raio de luz que atinge o coração da “Metafísica” não se detém apenas nela, mas alcança uma terceira figura situada do lado esquerdo: esta figura representa uma estátua de Homero. Para Vico, e isto é uma das grandes intuições do seu pensamento Homero não é um indivíduo particular, mas o fruto de um processo coletivo; esse processo recebe o nome de “sabedoria poética” a forma originária e “primitiva” da sabedoria humana. Finalmente, logo abaixo da estátua, na terra totalmente iluminada, vê-se tudo aquilo que constitui o mundo histórico civil, o mundo da cultura, incluindo aí a linguagem. E o que antes era trevas, a opacidade da natureza, agora é luz e civilização.

A primeira vista a gravura parece indicar uma série de contrastes bastantes visíveis, bem ao gosto da mentalidade barroca: o alto e o baixo, a luz e as trevas, o divino e o humano. A própria posição das duas figuras centrais é sintomática, criando uma tensão entre elas: a “Metafísica” tem a cabeça voltada para o alto, para Deus, ao passo que a figura de Homero tem os olhos voltados para baixo, para o mundo histórico. “A Metafísica” agitando-se, quer elevar-se na direção do eterno; a estátua de Homero, mais serena, está apoiada sobre a terra, na temporalidade.

Mas a ilustração não mostra apenas o contraste e a ambivalência. Há aqui algo que podemos chamar de equilíbrio dinâmico. O dinamismo é criado pela presença do raio de luz, que imprime um certo movimento à cena, unindo a “Metafísica” à figura de Homero, equilibrando assim o jogo de contrastes. O ponto de equilíbrio, no entanto, não está no raio de luz, mas num outro signo, talvez o mais importante de toda a ilustração, pois é ele que possibilita a convergência entre os extremos. Este signo é uma “jóia convexa” que a “senhora Metafísica” tal como Vico a concebe, traz junto ao peito. É só por esse “detalhe” que a luz se expande até a estátua de Homero – até é a poesia. Pois, de acordo com a *Ciência Nova*, se a jóia que “a metafísica” traz consigo, ao invés de convexa fosse côncava, a relação do filósofo com o divino, como o eterno, com os princípios universais, tão caros à filosofia, seria marcada por uma atitude solipsista, uma atitude de isolamento intelectual, na qual o filósofo acabaria retendo toda a luz para si, sem jamais projetá-la para fora de si mesmo ou para outras mentes.

É este tipo de vício que marca uma certa concepção da filosofia e da ética que a *Ciência Nova* quer evitar. Com esse detalhe tão importante a convexidade da jóia, Vico constrói uma imagem na qual o conhecimento de Deus, buscado com ardor pela “metafísica” não é objeto exclusivo dos filósofos: “o conhecimento de Deus não termina na metafísica, permitindo iluminar-se com a exclusividade dos dotes intelectuais, e conseqüentemente, regulamentar apenas seus fatos morais privados, tal como, até agora tem admitido os filósofos”.(*Ciência Nova* § 5). Com isso, Vico pretende mostrar que a “sabedoria” representada na gravura pelo raio de luz divino, constitui o elemento dinâmico da história, diferentemente do que ocorre com uma certa concepção de “sabedoria filosófica”, que pode conduzir ao solipsismo ético e intelectual.

A velha figura isolada do sábio é assim substituída pelo operar contínuo da “sabedoria” na história. A *Ciência Nova* é o reflexo desse dinamismo. O esforço de Vico nesta obra é mostrar que a racionalidade, tão cara ao discurso filosófico, já está encarnada de alguma forma no próprio processo histórico. Daí o duplo registro do seu pensamento que, no plano metodológico, procura fundir a necessidade e a universalidade dos princípios filosóficos com os dados concretos da filologia; substituindo uma filosofia abstrata, que se isola no exame de verdades racionais e de conceitos descarnados, como é o caso do cartesianismo, por uma filosofia que procura fornecer um quadro vivo da realidade humana. É ainda nessa direção que podemos entender também a crítica viquiana ao estoicismo e ao epicurismo, dois extremos da filosofia, os quais, segundo ele, fornecem uma imagem distorcida do homem e da história. Associando estóicos e epicuristas ao solipsismo filosófico, Vico diz que deveríamos chamá-los de “filósofos monásticos e solitários.”(*Ciência Nova* § 130). Isto porque a sabedoria, para esses filósofos, na interpretação de Vico, é o oposto da “sabedoria poética” fruto do processo coletivo que está na origem da própria constituição da vida humana. Aos olhos de Vico, a poesia, na sua dimensão histórica, surge então como uma força organizadora que funda e orienta internamente a sociedade, unindo os homens em torno de uma vida comunitária. É por isso que na gravura a estátua de Homero tem os olhos voltados para o chão para o mundo histórico civil.

Mas já é tempo de nos despedirmos da alegoria, que aqui não funcionou como um mero artifício retórico, mas como instrumento de análise da estrutura mais geral de um pensamento. Deixando de lado outros elementos que poderíamos encontrar no quadro alegórico criado por Vico, é preciso agora compreender as razões da oposição entre a forma originária do saber humano a poesia e a filosofia de indole solipsista, voltada para si mesma.

“Sabedoria poética” é um termo caro ao nosso filósofo, com ele Vico aponta para as primeiras fases do que ele denomina *storia ideale eterna*, expressão que designa as etapas de desenvolvimento da “mente humana” ao longo do tempo; pois a história, segundo Vico, contém os vários modos pelos quais os homens se exprimiram em épocas diferentes: “os homens primeiramente sentem sem se aperceberem, a seguir apercebem-se com o espírito perturbado e comovido, e, final-

mente, refletem com mente pura”.(*Ciência Nova* § 53).

Em razão desse historicismo, é um absurdo querer projetar uma metafísica de tipo racional na descrição do homem primitivo, que estava totalmente alheio ao exercício especulativo e dominado pelas paixões, da qual brotava uma imaginação espontaneamente criadora. Os sentidos são as únicas vias para se conhecer as coisas nessa época, uma vez que os selvagens(os *bestioni*) careciam de raciocínio, e só possuíam uma metafísica vulgar sentida e imaginada, obra de sua fantasia: “a fantasia é tanto mais forte quanto mais débil o raciocínio”(*Ciência Nova* §185).

Vico descreve “a barbárie dos sentidos” e “a metafísica fantástica” do “nascente gênero humano” nos seguintes termos: “os primeiros homens das nações gentis, como crianças do nascente gênero humano, criavam as coisas de acordo com suas próprias idéias em virtude de uma corpulentíssima fantasia. E uma vez que era absolutamente corpórea, faziam isso com maravilhosa sublimidade, tamanha e tão considerável que perturbava em excesso àqueles mesmos que fingindo, as forjavam para si, pelo que foram chamados ‘poetas’ que em grego é o mesmo que “criadores”(*Ciência Nova* § 376).

A poesia é portanto a primeira operação da mente humana e nasce de uma necessidade natural: a necessidade do homem primitivo de dar expressão, interpretar e compreender o mundo que o cerca. É pela poesia que o mundo pela primeira vez se desvela à mente humana, não a partir de conceitos, mas de imagens concretas e vivas, tão vivas quanto os deuses: “ os primeiros homens da gentilidade, singelos e rudes, em virtude de vigorosa ilusão de robustíssimas fantasias, todas repletas de aterradoras superstições, acreditavam ver nas terras os deuses”.(*Ciência Nova* § 3) Mais adiante Vico acrescenta: “Autores de uma tal poesia foram os povos primigênicos, que se constata serem todos constituídos de poetas teólogos e que relatam terem fundado as nações gentílicas com as fábulas dos deuses”.(*Ciência Nova* § 7). Para Vico, os poetas primitivos eram “sábios justamente porque compreendiam a fala dos deuses” A poesia surge desse impulso de aspiração divina e está intrinsecamente ligada à religião: os poetas eram capazes de ver mais, de ver além, “de explicar os divinos mistérios dos auspícios e dos oráculos”(*Ciência Nova* §§ 381,382), por isso receberam o epíteto de “divinos” “com o sentido de “adivinhos”, que deriva da palavra divinari, que em sentido próprio significa “adivinhar”, “predizer”.(*Idem, ibidem*). Com esse poder de antecipação, os poetas na sua coletividade, interpretavam e davam sentido ao mundo, instituído laços entre os homens. A poesia revela assim, na sua origem, a capacidade de unir o homem em torno da vida comunitária, em torno das figuras sagradas dos deuses, dos “mitos coletivos”

É importante observar que esta capacidade de instituir laços, de unir mentes, que encontramos na “sabedoria poética” não deriva de nenhuma lógica intelectual, de nenhuma orientação puramente racional, de nenhuma representação estilística voluntária que se configura em obras poéticas; isso só é concebível em épocas mais refinadas. Na época da “barbárie dos sentidos” os selvagens “entregues às suas paixões, ao amor próprio, e com a mente sepultada nos corpos” careciam de reflexão, ou seja, eram incapazes de orientar suas ações no sentido da vida civil. Mas é justamente do fundo tenebroso das paixões e da bestialidade que nasce a

poesia e a vida em comum. Vico explica a passagem da bestialidade para uma vida comunitária, da fronteira entre natureza e cultura, introduzindo nesse âmbito a noção capital de “sensus communis”: “Senso comum é um juízo sem reflexão compartilhado por uma classe inteira, um povo inteiro, uma nação inteira ou a raça humana como um todo”(*Ciência Nova* §142).²

A poesia portanto nasce espontaneamente, sem nenhuma reflexão, da visão fantástica da mente primitiva. Isto equivale a dizer que, por seu caráter autônomo, como observa Benedetto Croce, a poesia não é uma forma de divulgar a metafísica, não é uma tradução da especulação filosófica³ A fala poética, para Vico, não constitui uma série de conceitos vestidos com a roupagem da fantasia, “como se os povos que inventaram as línguas tivessem que primeiramente freqüentar a escola de Aristóteles”(*Ciência Nova* § 455). Aliás, enquanto manifestação originária da mente humana, a “sabedoria poética” se opõe inclusive à metafísica e à especulação: uma purga a mente dos sentidos, do corpo, a outra aprofunda a mente nos sentidos, pois é sobre essa base, como vimos, que opera a imaginação. Ora, se os homens são compostos de corpo e mente, de sentidos e inteligência, então, pensa Vico, tomando-se a humanidade em seu conjunto, os poetas corresponderiam à função dos sentidos e os filósofos ao intelecto(Cf. *Ciência Nova* § 363). E assim se verá verdadeiro, segundo nosso autor, aquilo que Aristóteles diz de um homem particular: “*Nihil est in intellectu quin prius fuerit in sensu*”.(Idem, Cf. Aristóteles, De anima,III,a 8-7). Ou seja: assim como sem os sentidos não há desenvolvimento do intelecto; sem poesia, historicamente falando, não há filosofia nem civilização. Em suma: os filósofos são os últimos a chegar na cidade.

A filosofia, nascida da “escola pública dos poetas” surge demasiadamente tarde para orientar racionalmente os homens. Mas Vico, como vimos, nos proíbe de ver os homens completamente abandonados na sua origem, entregues totalmente às suas paixões. Há um tipo de sabedoria operando desde o começo da fundação do mundo histórico-civil que, evidentemente, não é a “sabedoria recôndita de sumos e raros filósofos”.(*Ciência Nova* §384). Na verdade, mesmo quando surgem num momento posterior da história, os filósofos, absorvidos em suas especulações, parecem ter pouca, ou nenhuma, funcionalidade no âmbito da efetividade histórica: “a filosofia considera o homem tal como deve ser, por isso só poderá ser benéfica aos pouquíssimos que pretendem viver na república de Platão, evitando o refocilar-se nas fezes de Rômulo”(*Ciência Nova* §131).

A filosofia contida na *Ciência Nova*, no entanto, procura encurtar esta distância entre um mundo transcendente, paradigmático a república de Platão e a cidade concreta dos homens, submetidos ao fluxo do tempo e a corrupção das paixões. Diz Vico: “A filosofia para aproveitar ao gênero humano, deve deve soerguer e governar o homem decaído e débil, sem lhe *distorcer a natureza* nem *abandoná-los à sua corrupção*.”(*Ciência Nova* §129, grifo meu). Ora, se a filosofia deve assumir uma função terapêutica, como quer Vico, nem por isso ela deve ser confundida com uma terapia ainda mais desagregadora, capaz de interferir apenas na instância do sujeito isolado. O alvo aqui é justamente o solipsismo filosófico que nosso autor iden-

tifica em estóicos e epicuristas, os quais apresentam uma imagem distorcida do homem e da história, atribuindo uma função terapêutica à filosofia no nível privado. De um lado, o estoicismo, ao admitir um curso inexorável na história, com a idéia de Destino, *distorce a natureza humana*, e propõe uma ética baseada na repressão da paixão como dimensão necessária para se atingir a virtude, defendendo, com seu ascetismo e rigorismo moral, a negação da vida comum. A figura do sábio de que falam os estóicos parece um ideal inacessível aos homens que vivem em comunidade, um ideal sobre-humano, só alcançável para o isolamento ascético. Aqueles que admitem que a virtude só pode ser alcançada no claustro das celas, desprezando a dimensão natural do ser humano, isto é, a emoção, a paixão e os afetos, são denominados, como já observamos, “filósofos monásticos e solitários” (*Ciência Nova* §130). Por seu turno, os seguidores de epicuro, ao admitirem que o acaso impera na história, propõem uma ética de tipo hedonista, defendendo uma entrega completa dos homens às suas paixões e aos prazeres, *abandonando-os à corrupção*. Mas nenhuma vida social pode surgir e florescer com base neste entrega humana ao acaso, nenhuma vida social cresce ao sabor das paixões efêmeras. A filosofia epicurista, com sua terapia individualista, também conduz ao solipsismo intelectual e a negação da vida comunitária.

O eixo ético e cognoscitivo viquiano é, portanto, oposto a apatia estóica e ao hedonismo epicurista. Para Vico, o bem vem identificado com a própria conservação da vida social, com a manutenção do “sensus communis” não com um bem inacessível e abstrato, como no caso do estoicismo, ou com um bem imediato, como no caso do epicurismo. A ética, como o próprio nome sugere, só é possível no interior de uma comunidade. A sabedoria só tem sentido se existir no tempo e na história, a única dimensão em que o homem pode de fato *habitar*.

NOTAS

¹ Cf. Croce, B. *La filosofia di Giambattista Vico*, Bari, Laterza, 1962. (1ª edição 1911). Não é objetivo deste trabalho medir o alcance da interpretação crociana de Vico, cujos méritos em muitos pontos são inegáveis; porém, o tom idealista purificador e um certo “desconstrucionismo” para utilizar uma palavra em voga, que marca a leitura de Croce parece dar a falsa impressão de que Vico, não obstante a originalidade de seu pensamento, seria um autor incoerente, sobretudo por ter confundido o plano “ideal do espírito humano” com a história real percorrida pelos homens em diferentes épocas. Na visão de Croce, essa confusão levou Vico a misturar os dados filológicos com os princípios da filosofia, e é isso que faria da *Ciência Nova* um livro defeituoso na sua base. Mas, ao contrário do que pensa Croce, talvez devêssemos falar, no caso de Vico, menos em incoerência do que em contraste e ambivalência termos que ajudam a compreender melhor a estrutura do seu pensamento e seu projeto filosófico. (Quanto a crítica de Croce a Vico, da qual não nos ocuparemos aqui, ver por exemplo o livro de Hayden White *Meta-História*, Edusp, 1995, pp. 422-428)

² A noção viquiana de *senso comum* é esclarecida por H.G. Gadamer nos seguintes termos: “sensus communis significa aqui, certamente, não somente aquela capacidade universal que existe em todos os homens, mas, ao mesmo tempo, o senso

que institui comunidade. O que dá à vontade humana sua diretriz acredita Viço, não é a universalidade abstrata da razão, mas a universalidade concreta, que representa a comunidade de um grupo, de um povo, de uma nação, do conjunto da espécie humana. O desenvolvimento desse senso comum é, por isso, de decisiva importância para a vida. (Verdade e Método - traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica, *Editores Vozes*, 1997. p. 63). Infelizmente, nos limites deste trabalho não há espaço para discutir em pormenores a noção viçiana de *senso comum*, que embora tenha muitos traços semelhantes com o antigo conceito de "sensus communis", base da retórica romana, na verdade deriva, no caso de Vico, muito mais da tradição renascentista italiana, e possui um alcance epistemológico muito mais amplo. O precursor viçiano aqui é *Lorenzo Valla*, autor do *De voluptate*, obra na qual a noção de *senso comum*, ou senso sem reflexão que institui comunidade, surge como a realidade primordial dos seres humanos. (O livro de Massimo Lollini *Le Muse, Le maschere e il Sublime. G. B. Vico e la Poesia Nell'età della 'ragione spiegata'*, Guida Editore, Napoli, 1994, sublinha a influência de Valla sobre Vico, e mostra o caráter inovador da noção "viçiana" de senso comum, sobretudo para se compreender a relação entre poesia e praxis. Ver principalmente pp.31-114 da obra supracitada).

³ Croce, B. ob. cit, p.49 e ss.